



# Lembranças de casa: Um estudo literário e bíblico de Salmo 137!

*Home memories: A literary and biblical study of Psalm 137!*

José Ancelmo Santos Dantas<sup>[a]</sup> 

São Paulo, SP, Brasil

<sup>[a]</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Gabriel da Paixão Silva<sup>[b]</sup> 

Cidade Dutra, SP, Brasil

<sup>[b]</sup> Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas “São Boaventura”, entidade Eclesiástica da Diocese de Santo Amaro (São Paulo – SP)

**Como citar:** DANTAS, José Ancelmo Santos; SILVA, Gabriel da Paixão. LEMBRANÇAS DE CASA: Um estudo literário e bíblico de Salmo 137!. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 492-502, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.AO02>.

## Resumo

Sl 137 visa ao período do exílio da Babilônia. Trata-se, ao que parece, de um momento conturbado para a cultura judaica, marcado pela dor, sofrimento, penúria, prisão e até por perdas irreparáveis. O ouvinte/leitor, ao ouvi-lo e/ou ao lê-lo, graças ao afresco oferecido pela poesia lírica (vv. 1a-9b), compreende que o eu coletivo de Israel, à época, passava por uma nova experiência de escravidão. De um lado, utiliza-se de tintas singulares a fim de descrever o dia a dia da vida hebraica dentro dos muros e dos assentamentos na Babilônia. De outro, abraça-se ao cântico, tendo, este último, como instrumento de libertação e como alimento capaz de matar a saudade de casa, cultivando junto ao povo as boas memórias vividas e celebradas outrora em Sião. No entanto, todo este enredo, cuja

<sup>[a]</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e-mail: [ancelmo\\_dantas@outlook.com](mailto:ancelmo_dantas@outlook.com)

<sup>[b]</sup> Graduando em Teologia pelo Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas São Boaventura, e-mail: [gabrielpaixao0299@gmail.com](mailto:gabrielpaixao0299@gmail.com)

temática canta a vida “migrante”<sup>1</sup> de um povo exilado, encontrou sentido graças a sua personagem principal: o “SENHOR (יהוה)” (vv. 4a-7a).

**Palavras-chave:** Salmo 137. Poema lírico. Jerusalém. Sião. Babilônia.

### **Abstract**

*Psalm 137 refers to the period of the Babylonian exile. It appears to be a turbulent time for Jewish culture, marked by pain, suffering, deprivation, imprisonment, and even irreparable losses. The listener/reader, upon hearing it and/or reading it, thanks to the fresco offered by the lyrical poetry (vv. 1a-9b), understands that the collective self of Israel at the time was experiencing a new phase of slavery. On one hand, it uses unique strokes to describe the day-to-day life of the Hebrews within the walls and settlements in Babylon; on the other hand, it clings to the song, using the latter as an instrument of liberation and as sustenance capable of alleviating the homesickness, nurturing among the people the good memories lived and celebrated in Zion. However, this entire narrative, whose theme sings the "migrant" life of an exiled people, found meaning thanks to its main character: the "LORD (יהוה)" (vv. 4a-7a).*

**Keywords:** Psalm 137. Lyric poem. Jerusalem. Zion. Babylon.

---

<sup>1</sup> Temática de grande envergadura no ministério do Papa Francisco. Há uma obra na qual método e charme teológicos dão as mãos: Cf.: GRENZER, Matthias. *O migrante: aspectos da experiência bíblica da migração*. São Paulo: Paulinas, 2019. 160 p. ISBN 9788535644979.

## Introdução

A Bíblia Hebraica apresenta aos seus ouvintes/leitores cento e cinquenta Salmos. Cada hino possui, em geral, uma estrutura literária, acompanhada por uma reflexão teológica imprescindível. Este patrimônio só foi possível graças à cultura judaica. Jesus de Nazaré, durante seu ministério público, ao que parece, também rezou com os Salmos. Na condição de bom judeu, os conhecia e, de quando em quando, os declamava. A Igreja, por sua vez, na condição de mãe e mestra, durante os séculos, ensinou aos seus filhos a oração com os Salmos.

Sl 137 – objeto de nosso estudo – visa ao período do exílio da Babilônia, momento conturbado para a cultura judaica. Marcado pela dor, sofrimento, penúria, prisão e até perdas irreparáveis. O ouvinte/leitor, ao ouvir ou ler Sl 137, imagina que Israel passava por uma nova experiência de escravidão. Esta última já havia sido vivida por seus antepassados no Egito Antigo (Ex 3,7-10). Agora, com proporções incalculáveis, sente o perigo chegar (Jr 39,1-14). Tendo os Assírios tomado o reino do Norte em 722 a.C. de acordo com 2Rs (17,1-23), ali implantou seu projeto de poder por meio de uma política colonizadora. Até que em 586 a.C., sucumbirá o pequeno e empobrecido reino do Sul. Este último acreditou que Samaria (capital do reino do Norte) havia sido entregue por ter idolatrado. Anos depois, com a queda de Jerusalém, como explicar aos seus filhos tamanha maldição?

Sl 137 levanta-se para desenhar a imagem do que se vive na cidade famosa por seus “jardins suspensos: Babilônia”<sup>2</sup>. Esta última, duramente criticada em Gênesis (Gn 11,1-9) com o episódio da Torre de Babel, tornou-se refúgio forçado para o povo de Deus trazido do sul. Povo este, acostumado a crer, a esperar e a confiar. Triade vivida pelo prisma do cântico ou da declamação. O reino do Sul e/ou o reino de Judá perdeu tudo, exceto a fé e a possibilidade de cantar, mesmo estando em meio à crise. Cantar para se libertar, “cantar o nome do SENHOR” (Sl 137,4.7), que é Deus de Israel, cantar para compreender as saudades sentidas e as experiências vividas. Cantar, a fim de ver se o Senhor, Deus de Israel, ouve o cântico, percebe as lágrimas, escuta os gemidos e envia um libertador. Ao que parece, Salmo 137 canta não somente a dor de um pecador, que se sente longe de casa, mas a dor de um povo que forçosamente, foi retirado de seu lar.

## Apresentação do poema

Eis uma apresentação do poema em questão. Permitindo ao ouvinte/leitor um melhor acesso ao Sl 137 escrito em sua língua original, conforme o lado esquerdo da tabela, bem como a sua tradução, no lado direito. Dessa forma, é possível explorar com maior nitidez e clareza as riquezas literárias e teológicas contidas ali.

Quadro 1 - Apresentação do poema

EM HEBRAICO	CITAÇÃO	EM PORTUGUES <sup>3</sup>
על נהרות בבל	(v. 1a)	Junto aos rios da Babilônia,
שם ישבנו גם-בכינו	(v. 1b)	lá nos sentamos e choramos,
בזכרנו את-ציון	(v. 1c)	ao nos lembrarmos de Sião.
על-עֲרָבִים בְּתוֹכָהּ	(v. 2a)	Nos salgueiros que ali estavam,
תָּלִינוּ כְנָרוֹתֵינוּ	(v. 2b)	penduramos nossas cítaras.

<sup>2</sup> STEINMEYER, Nathan. Where Are the Hanging Gardens of Babylon? Uncovering a lost wonder of the world. June 20, 2023. Disponível em <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/ancient-cultures/ancient-near-eastern-world/hanging-gardens/>. acesso em 04/05/2024.

<sup>3</sup> Por diversas vezes o(a) leitor(a) encontrará expressões semelhantes à tradução da Bíblia da editora Paulinas. Cf.: A Bíblia Sagrada. Edição atualizada. São Paulo: Paulinas, 2024.

כי שם שאֵלוֹנוּ שׁוֹבִינוּ דְּבַר־שִׁיר	(v. 3a)	Porque lá, nos exigiram, os que nos deportaram, palavras de canto,
וּתּוֹלְלֵינוּ שִׂמְחָה	(v. 3b)	e nossos carrascos, alegria:
שִׁירוּ לָנוּ מִשִּׁיר צִיּוֹן:	(v. 3c)	Cantai para nós um cântico de Sião!
אִיךָ נִשִּׁיר אֶת־שִׁיר־יְהוָה	(v. 4a)	Como poderíamos cantar o cântico do SENHOR,
עַל אֲדַמַּת נָכַר	(v. 4b)	em um solo estrangeiro?
אִם־אֶשְׁכַּח יְרוּשָׁלַם	(v. 5a)	Se eu me esqueci de ti, Jerusalém,
תִּשְׁכַּח יְמִינִי:	(v. 5b)	que se paralise (seque) minha mão direita!
תִּדְבַק־לְשׁוֹנִי לַחֲכִי	(v. 6a)	Que se prenda minha língua ao céu da boca,
אִם־לֹא אֶזְכְּרֶיךָ	(v. 6b)	caso eu não me lembre de ti,
אִם־לֹא אֶת־יְרוּשָׁלַם אֶעֱלֶה	(v. 6c)	Caso eu não faça Jerusalém subir
עַל רֹאשׁ שִׂמְחָה	(v. 6d)	ao topo de minha alegria!
זְכֹר יְהוָה	(v. 7a)	Relembra ó SENHOR
לְבָנֵי אֲדוֹם	(v. 7b)	aos filhos de Edom,
יוֹם אֵת יְרוּשָׁלַם	(v. 7c)	o dia de Jerusalém,
הַאֲמָרִים	(v. 7d)	e aos que disseram:
עָרוּ עָרוּ עַד הַיְסוּד בָּהּ	(v. 7e)	Arrasai-a, arrasai-a até o alicerce dela!
בַּת־בָּבֶל הַשְּׂדוּדָה	(v. 8a)	Ó filha da Babilônia, devotada à destruição,
אֲשֶׁר־י שִׁישְׁלָם־לְךָ אֶת־גְּמוּלָךְ	(v. 8b)	feliz é aquele que te retribui tua recompensa,
לְנוּ שִׁגְמַלְתְּ	(v. 8c)	com a qual nos recompensaste!
אֲשֶׁר־י שִׂיֵּאָחַז וְנִפְץ	(v. 9a)	Feliz quem agarrar e esmagar
אֶת־עַלְלֵיךָ אֶל־הַסֶּלַע	(v. 9b)	Teus bebês contra a rocha!

Fonte: Autor (2024).

Ao ouvir esta prece orante, formulada a modo de poema lírico, tem-se a sensação cognitiva de que, no Antigo Israel, era possível poetizar, isto é, cantar, mesmo estando em meio ao terror e pavor. Mais ainda, os espaços geográficos descritos no decorrer do poema, de modo ritmado, permitem ao leitor e/ou ao ouvinte a seguinte conclusão hermenêutica: Sl 137 é poesia pura! E o é, pois, de um lado, por duas vezes, guardando o ritmo, deixa transparecer o estilo, o charme e a beleza, ao cantar, respectivamente, sobre: “Babilônia (בָּבֶל)” (v. 1a-8a), “Sião (צִיּוֹן)” (v. 1c-3c) e “SENHOR (יְהוָה)”, presente em v. 4a-7a. No último caso, a imagem trata da identidade daquele que é o libertador de Israel. Além disso, o poeta canta também sobre “Jerusalém (יְרוּשָׁלַם)”, mas agora por três vezes em v. 5a-6c-7c. E, por fim, não fica de fora “Edom (אֲדוֹם)” (v. 7b), lembrada somente uma única vez. De outro lado, eterniza o sentimento coletivo, ao viverem detentos de um luto, cuja durabilidade tocou a matemática de sete décadas (cf.: Jr 25,11-12; 29,10). Quer dizer, ao utilizar-se de esferas espaciais, o orante canta a dor coletiva, ora sentida, e a transforma em prece digna de fé.

Frente a esse poema lírico de aproximadamente setenta e cinco palavras escritas em hebraico, observa-se também uma antítese quando se compara o v. 1a “junto aos rios (נְהַרֹת עַל)” ao v. 9b “contra a rocha (אֶל-הַפֶּלֶט)”. Quer dizer, os canais de água dos rios babilônios, graças à força da poesia, escorrem agora pelos “canais dos olhos”<sup>4</sup> de quem se propõe a cantar a dor coletiva de Israel exilado. Entretanto, esse estado líquido, que inicialmente, lembra a criação (Gn 1,6.7.9.10; 2,10), haverá de passar, pois “há um rio, cujos braços alegram a cidade de Deus” (Sl 46,5). E mais: “Deus está no meio dessa cidade: nunca vacilará” (Sl 46,6). Por isso, o estado líquido logo mais se transformará em situação rochosa e firme (cf.: Sl 46,1).

Enfim, Sl 137 convida seu leitor e sua leitora a viver maiores momentos de proximidade. Para isso, faz-se necessário perfurar o epicentro dele, ora dialogando com a forma, ora tocando o seu conteúdo. Silêncio, observação, contemplação e análise assumem o papel de lentes, por meio das quais Sl 137 será qualitativamente compreendido, interpretado, celebrado e, maduramente, rezado.

## Lembranças de Sião

Nos inícios de seu cântico, o orante, após situar geograficamente o ouvinte/leitor (v. 1a) e pintar literariamente a imagem de um judeu exilado (v. 1b), utiliza-se da categoria da memória para prosseguir sua prece, dizendo: “ao nos lembrarmos de Sião (אֶת-צִיּוֹן בְּזָכְרֵנוּ)” (v. 1c). A expressão “ao nos lembrarmos (זָכַרְנוּ)” vem da raiz verbal hebraica “lembrar (זָכַר)”, que também significa “recordar”. Quando essa raiz é combinada com a partícula prepositiva “בְּ” (que pode ser traduzida como “em”, “com”, “por”, “a”), a expressão pode ser traduzida como “ao”. O “salmista expressa um sentimento de profunda tristeza e de saudade, por estar distante de sua terra natal”<sup>5</sup>. Em todo caso, esta expressão é possuidora de um vasto campo temático dentre os cento e cinquenta Salmos, pertencentes à Bíblia Hebraica. Por aproximadamente cinquenta e três vezes, o ouvinte/leitor pode encontrá-la exercendo as mais diversas terminações, frente a gramática viva, que é o Saltério.

Quem canta ou reza exercita sua memória ao questionar o Senhor: “o que é o ser humano para que dele te lembres”? (Sl 8,5). E não somente o orante lembra-se do Senhor, na medida que se “recorda do nome dele” (Sl 20,8). Pois recordar é “lembrar teu nome” (Sl 119,55), “lembrar de Deus” (Sl 77,4; 78,35), “lembrar de sua santa palavra” (Sl 105,42), “lembrar de suas ordens” (Sl 103,18), “lembrar de teus julgamentos” (Sl 119,52), “lembrar das obras do Senhor” (Sl 77,12), “lembrar das maravilhas dele” (Sl 105,5), “lembrar da tua justiça” (Sl 71,16), “lembrar da tua aliança” (Sl 105,8), “lembrar dele na terra do Jordão” (Sl 42,7), “lembrar dele nas vigílias noturnas” (Sl 63,7), “lembrar de geração em geração” (Sl 45,18).

Mais ainda, faz-se necessário salmodiar “para fazer lembrar” (Sl 38,1; 70,1), “lembrar de teu milagre de outrora” (Sl 77,12), bem como “dos dias de outrora” (Sl 143,5), “lembrar” (Sl 42,5) a ponto de derramar a alma contra si, “lembrar da comunidade de outrora” (Sl 74,2), “lembrar do dedilhar” (Sl 77,7), “lembrar de Davi” (Sl 132,1), enfim, “lembrar do dia de Jerusalém” (Sl 137,7). Caso isso não se cumpra, quem reza ou canta em Sl 137 está disposto a colocar à disposição do Senhor o instrumento da fala: “que se prenda a minha língua ao céu da boca, caso eu não me lembre de ti” (Sl 137,6). Sem esta última, o orante jamais poderá declamar a Torá. Em contrapartida, há petições cujo horizonte temático aponta para a negação: que ele, o Senhor, “não se lembre dos pecados de minha juventude e de minhas rebeldias” (Sl 25,7); e “não nos lembres as culpas dos antepassados” (Sl 79,8); nem tampouco “te lembres dos transpassados que se deitam nos túmulos” (Sl 88,6).

<sup>4</sup> Cf.: RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione vol III*. EDB Edizioni Dehoniane. Bologna. p. 760.

<sup>5</sup> SÁ, Danielle Mendonça de. GUSSO, Antônio Renato. Uma análise do salmo 137 e suas implicações soteriológicas: A importância do arrependimento e do perdão para a salvação. *Via Teol.*, Curitiba, v. 24, n. 47, p. 202, jun., 2023. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/344/445>. Acesso em 03/05/2024.

Outras vezes, será o Senhor o possuidor de uma memória na medida em que “lembrou-se dos oprimidos” (Sl 9,13), “lembrou-se de todas as tuas ofertas” (Sl 20,4), “lembrou-se da compaixão e lealdade” (Sl 25,6.7) que lhe são próprias, “lembrou-se de sua lealdade e fidelidade” (Sl 98,3), “lembrou-se da aliança” (Sl 106,4.5; 111,5), “lembrou-se da palavra a teu servo” (Sl 119,49), “lembrou-se do delito” (Sl 109,14), “lembrou-se do inimigo escarnecido” (Sl 74,18), “lembrou-se do escárnio do insensato” (Sl 74,22), “lembrou-se do escárnio de teus servos” (Sl 89,51), “lembrou-se de que eram apenas carne” (Sl 78,39), “lembrou-se de Raab e Babilônia” (Sl 87,4), “lembrou-se da duração da vida” (Sl 89,48), “lembrou-se de nós em nossa baixez” (Sl 136,23), ou simplesmente, “lembrou-se de nós” (Sl 115,12), “lembrou-se de mim” (Sl 106,4), e, por fim, “lembrou-se do dia de Jerusalém” (Sl 137,7).

Há ainda os que “não se lembraram da mão dele” (Sl 78,42), no caso do Senhor, tampouco “se lembraram da abundância da lealdade dele” (Sl 106,7), e, por isso, “não se lembraram do nome de Israel” (Sl 83,5). Serão conhecidos pela história como os que “não se lembraram de praticar a lealdade” (Sl 109,16). Estes, naturalmente ingratos, nada apostarão, haja vista que a sensatez não participa de seu agir ético, moral e religioso. Muito provável que prefiram armas, há harpas! Fato é que frente a este vasto campo literário, ninguém deve permanecer com a memória inerte. Dito de outro modo: Ninguém pode ser excluído do exercício memorável de se recordar e/ou se lembrar, pois, até “os confins de toda a terra se lembrarão do Senhor” (Sl 22,28).

De relevante peso semântico, há também a expressão “de Sião (יְרוּשָׁלַיִם)” (v. 1c). Trata-se da união do objeto direto “de (אֶת)” acompanhado do nome próprio “Sião (יְרוּשָׁלַיִם)”, que, com seus trinta e oito usos nos cento e cinquenta Salmos, situa tematicamente o ouvinte/leitor e o faz perceber quão grande é a predileção do Senhor, Deus de Israel, por este lugar. Aliás palco de grandes acontecimentos!

O Senhor é “de Sião” (Sl 135,21), “escolheu a Sião” (Sl 132,13), “construiu a Sião” (Sl 102,17), “fez o bem a Sião” (Sl 51,20), “sente compaixão de Sião” (Sl 102,14), “te abençoe de Sião” (Sl 128,5; 134,3). Além disso, foi “em Sião” (Sl 2,6), que o rei do Senhor foi consagrado, e, “em Sião” (Sl 9,12) o Senhor se assentou. Há, inclusive, os “portões da filha de Sião” (Sl 9,15) bem como “os portões de Sião” (Sl 87,2), pois “de Sião” (Sl 87,5; 14,7; 50,2; 53,7) nasceu homem por homem, e virá salvação na medida que Deus resplandecer nela. Por isso, a fortaleza começa “desde Sião” (Sl 20,3), de onde estende-se o “cajado de sua força” (Sl 110,2).

“No monte Sião” (Sl 48,12.3.13) há a cidadela do rei superior, por isso, é um espaço geográfico alegre. Além disso é um monte cercado, isto é, “habitado” (Sl 74,2; 76,3), e, sobretudo, “amado por Deus” (Sl 78,68). Na medida que “Deus” está e/ou é “de Sião” (Sl 65,2; 146,10) ou “em Sião”, Ele, no caso, Deus, “seja visto” (Sl 84,8), “engradecido” (Sl 99,2) e tenha “seu nome proclamado” (Sl 102,22). Tais dimensões fá-Lo, de um lado, querer “salvar Sião” (Sl 69,36). E, de outro, é “Sião” quem deseja “escutá-Lo” e “louvá-Lo” (Sl 147,12), por isso, se “alegra” (Sl 97,8) Nele.

O “monte Sião” é o lugar dos que “confiam no Senhor” (Sl 125,1), não há espaço para vacilantes, mesmo em tempo de “cativeiro” e/ou “exílio” (Sl 126,1). Sião deve instruir seus habitantes acerca da confiança no Senhor. É “tão bom e agradável estar junto aos irmãos” (Sl 133,1), é “como o orvalho que desce sobre os montes de Sião” (Sl 133,3). Em contrapartida, todos, sem exceção, os que “odeiam a Sião se envergonhem” (Sl 129,5), pois quem tem Sião como “terra mãe”<sup>6</sup> precisa cantar, quer esteja distante (Sl 137,3), quer esteja próximo. Caso contrário, Israel permanecerá “sentado” e “choroso” (v. 1b), “pendurará as harpas” (v. 2b), e se recusará a “cantar Jerusalém”<sup>7</sup> (v. 4a-b).

<sup>6</sup> Entenda-se a expressão: “terra mãe” como a cidade de Jerusalém.

<sup>7</sup> CARREIRA, José Nunes. *O Salmo 137 e a estrutura literária de “Sôbolos rios”*. *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 11:2 (1981) 329-362. p. 332. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14671>. Acesso em: 04 mar. 2024.

Afinal de contas, os “filhos de Sião” devem se “regozijarem” “com seu rei” (Sl 149,2) que, em última instância, trata-se do próprio Senhor. Também devem cantar sempre, usando o instrumento das “harpas (כַּנְתֻרִיּוֹן)” (v. 2b) que nasceram para ser tocadas, jamais “penduradas (תְּלִיּוֹן)” (v. 2b). O som delas habita o eu coletivo de um povo reunido, prestes a celebrar, distante ou próximo de casa. Quer dizer, à categoria da memória, por meio do ato de “lembrar (זָכַר)” (v. 1c), quando unida ao toque de um instrumento de cordas resulta em poesia lírica, em canção, que por ser dirigida ao Senhor Deus, é um cântico de oração. Entretanto, é possível cantar um cântico de Sião, mesmo estando distante dela? Que cântico seria este? Muito provável que Sl 137 pretenda dizer ao seu ouvinte/leitor que não há diferença substancial entre cantar “um cântico de Sião” (v. 3c) e “cantar um cântico do SENHOR” (v. 4a). Pois foi o Senhor quem “escolheu” a “Sião” (Sl 132,13) e a “construiu para si” (Sl 102,17).

## O Cântico do SENHOR

Conforme o poema lírico avança em Sl 137, o orante informa ao seu ouvinte/leitor acerca de uma primeira exigência por parte dos “carrascos” (v. 3b) babilônios: “pediam-lhes canções” (v. 3a) e “queriam alegria” (v. 3b). Fato é que, tendo já “penduradas as harpas” (v. 2b) e refêns de um novo sistema de escravidão, realidade já vivenciada pelos antepassados (Ex 3,7-10) no Egito, ao ouvirem a solicitação, “cantai para nós um cântico de Sião” (v. 3c), o orante, representando o eu coletivo de Israel exiliado, responde: “como poderíamos cantar o cântico do Senhor em um solo estrangeiro” (v. 4a-b)? Formalmente, a expressão: “o cântico do SENHOR (אֲתֵּן הַקִּיְּוֹן לַיהוָה)” (v. 4a) parece pertencer unicamente ao Sl 137. Entretanto o termo “cântico (שִׁיר)” carrega ao largo dos cento e cinquenta Salmos diversas conotações. Seus mais de quarenta usos permitem ao leitor descobrir de que modo se pode cantar para o Senhor Deus de Israel.

Ora, quem canta olha para o Senhor e, tomado de múltiplos sentimentos, diz ser necessário: “cantar-lhe um cântico novo” (Sl 33,3; 96,1; 98,1; 144,9; 149,1), “agradecer-lhe com o seu cântico” (Sl 28,7), cultivando a certeza que até de “noite o cântico dele está comigo” (Sl 42,9) e, por isso, faz-se necessário “louvar o nome de Deus com um cântico” (Sl 69,31). Ora percebe-se que o cântico, por sua vez, tem objetividade. Há por exemplo, “um cântico” (Sl 48,1; 65,1; 66,1; 67,1; 68,1; 75,1; 76,1; 83,1; 87,1; 88,1; 108,1), “um cântico para o dia de sábado” (Sl 92,1), ou “cântico de dedicação” (Sl 30,1), “cântico das” e/ou “cântico para as subidas” (Sl 120,1; 121,1; 122,1; 123,1; 124,1; 125,1; 126,1; 127,1; 128,1; 129,1; 130,1; 131,1; 132,1; 133,1; 134,1), “cântico de amadas” (Sl 45,1) e “cântico sobre as moças” (Sl 46,1). Da empreitada de cantar, nem o Senhor fica de fora. Este último assume o cântico e, ao voltar-se para o seu orante, injeta-lhe no sentido de pôr dentro dele “um cântico novo em sua boca” (Sl 40,4). Sendo assim, se até o Senhor Deus de Israel canta, os filhos de Sião também são convidados a cantar. E cantam na medida que transformam os vocábulos do dia a dia em “palavras de cântico” (v. 3a), uma vez que palavras pronunciadas a modo de ação de graças transformam-se em partituras vivas. Muito provável que seja este “o cântico de Sião” (v. 3c) e o “cântico do SENHOR” (v. 4a).

Sabe-se que não é fácil cantar em meio ao terror<sup>8</sup>. Recém-chegados à Babilônia, (v. 1a) o poeta imagina as mais diversas “agruras” sofridas: “a dor causada pelo exílio”, a “distância” sentida por estar “longe” de casa e às “reuniões litúrgicas” junto aos rios, constituem um “desenvolvimento lírico” que segue o curso da “Babilônia” até “Jerusalém”<sup>9</sup>. A esta altura Israel vive, ao que parece, um sofrimento duplo: para além do

<sup>8</sup> Terror diz respeito ao fato ocorrido no “exílio (גולה)”, caracterizado como o despojamento da terra. De acordo com o profeta Jeremias, no ano de 598 a.C foram deportados mais de três mil judaítas. Em 597 a.C., estima-se um número acima de oitocentos. E, em 582, mais de setecentos. Ao somar os números das três deportações, o profeta prevê um total de quatro mil e seiscentos judaítas deportados rumo a Babilônia (cf.: Jr 52,28-30).

<sup>9</sup> Cf.: CARREIRA, José Nunes. O Salmo 137 e a estrutura literária de “Sóbolos rios”. *Didaskalia*, Lisboa. ISSN 0253-1674. 11:2 (1981) p. 332-333. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14671>. Acesso em: 04 mar. 2024.



sofrimento físico vivido junto ao fato histórico, ao se “lembrar” (v. 1c) e/ou se “recordar”, sofre novamente. Sendo que, desta vez, o sofrimento é de ordem psíquico-emocional. Estranha ver um povo tão dado à festa e ao hino, à liturgia e à reza, de repente, “emudecer suas harpas”<sup>10</sup>.

Fato é que: em v. 4a-b, Sl 137 canta uma pergunta, guardando nela a resposta de que tanto precisa: “como poderíamos cantar um cântico do SENHOR em um solo estrangeiro”? Ora, se o solo é estrangeiro, o poeta então pressupõe que estão fora de casa. A situação pela qual passam certamente não veio para ficar. Na condição de povo nômade, portanto, peregrino, sabia que seus antepassados haviam sido libertados da casa da servidão, no Egito (Ex 12, 12s). Mais ainda: estavam cercados por águas, na Babilônia (Sl 137,1), semelhante ao que ocorreu com seus antepassados (Ex 14,26); detidos sob a custódia de uma outra nação, na Babilônia viviam (Jr 39,1s), e; o mesmo se deu com seus pais (Ex 1,11s). Entretanto, lá, isto é, com a saída do Egito, após a passagem pelo Mar dos Juncos (Ex 14,29), os israelitas uniram suas vozes a voz de “Moisés e a voz de Miriam e puseram-se a cantar este cântico ao Senhor” (Ex 15,1-22). Agora, mesmo em meio as águas das lágrimas (Sl 137,1) e/ou com “olhos que derramam lágrimas dia e noite (Jr 14,17), no sentido de estarem “vertendo canais de água por causa da destruição da filha de meu povo” (Lm 3,48), a resposta deve ser a mesma: cantar “um cântico de Sião” (v. 3c), “cantar o cântico do SENHOR” (v. 4a), cantar, ainda que vivendo em um “solo estrangeiro” (v. 4b) cantar, e não se esquecer de que “o dia de Jerusalém” (v. 7c) chegará.

## O dia de Jerusalém

O poeta ao cantar em Sl 137: “relembra ó SENHOR” em (v. 7a), caminha literariamente para o fim de seu cântico lírico. Há, pois, de um lado, um ensinamento deixado pelo profeta: “vós que escapais da espada, ide embora! Não vos detenhais! De longe, lembrai-vos do SENHOR! Jerusalém esteja em vosso coração” (Jr 51,50). E, de outro, “os meus servos gritarão de júbilo, de bem-estar do coração” (Is 65,14), cultivando-se assim a certeza de que o Senhor Deus de Israel fará justiça.

Os cento e cinquenta Salmos da Bíblia Hebraica conhecem vastamente a expressão: “o dia (יָוֵם)”, especificada em v. 7c por “de Jerusalém (יְרוּשָׁלַיִם)”. Com suas aproximadas cento e quinze presenças, o orante, ao largo dos séculos, tornou-se possuidor de um repertório memorável. Observem!

Frente ao longo calendário dos dias, de um lado, é “Deus quem todo dia se indigna” (Sl 7,12), ao passo em que dá ao rei “longos dias” (Sl 21,5; 23,6; 91,16) e acrescenta “mais dias aos seus dias” (Sl 61,7<sup>2x</sup>), podendo também “destróçar reis no dia de sua ira” (Sl 110,5). Caso Deus não tivesse realizado um feito em “seus dias” (Sl 44,2), de outro lado, ele conhece “os dias dos íntegros” (Sl 37,18) sendo que, frente aos “moços de Israel, fez esgotarem-se os dias deles” (Sl 78,33) e frente ao perverso o Senhor “rī” porque viu que chegou “seu dia” (Sl 37,13). Afinal, dele é “o dia” (Sl 74,16), cujo símbolo é o Sol (Sl 136,8) e “a noite” (Sl 74,16) sobre esta última, é dito que: “iluminará” como “o dia” (Sl 139,12).

Inicialmente, há a expressão: “dia” (Sl 42,4) marcando limite com a “noite” (Sl 42,4), ou ainda, “o dia de ontem” (Sl 90,4). Noutros casos, há “um dia” (Sl 84,11) ou “dia após dia” (Sl 61,9; 68,20<sup>2x</sup>; 96,2<sup>2x</sup>), no sentido de: “seus dias” (Sl 90,10; 109,8; 144,4), chegando, inclusive, aos “meus dias” (Sl 102,4.12.25; 116,2). Latente também são as expressões descritas em seu caráter positivo: “todo dia” (Sl 32,3; 35,28; 37,26; 42,11; 44,9.16.23; 52,3; 56,2.3.6; 71,15.24; 72,15; 73,14; 86,3; 88,10.18; 102,9; 119,97; 140,3; 145,2), “o dia todo” (Sl 71,8), “o dia inteiro” (Sl 38,13; 74,22), “o dia do justo” (Sl 72,7), “o dia da libertação” (Sl 18,1), “o dia da redenção” (Sl 78,42), “o dia do clamor” (Sl 20,10; 56,10; 102,3; 138,3), “o dia da espera” (Sl 25,5), “o dia de santidade” (Sl 93,5), “o dia de

<sup>10</sup> CARREIRA, José Nunes - *O Salmo 137 e a estrutura literária de “Sóbolos rios”*. Didaskalia. Lisboa. ISSN 0253-1674. 11:2 (1981) p. 333. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14671>. Acesso em: 04 mar. 2024.



celebração” (Sl 81,4), “o dia de sábado” (Sl 92,1), “o dia de Massa” (Sl 95,8), “o dia do vigor” (Sl 110,3), “o dia do regozijo” (Sl 89,17), “o dia do temor” (Sl 56,4), que são “os dias de teu servo” (Sl 119,84), isto é, “sete vezes por dia” (Sl 119,164). Há, portanto, dias que dialogam entre si, no sentido de “um dia comunicar um dito a outro dia” (Sl 19,3<sup>2x</sup>), bem como existe uma medida para “os dias” (Sl 39,5), além disso, “nossos dias podem ser contados” (Sl 90,12), incluindo, os “dias do passado” (Sl 44,2), ou seja, “todos os dias” (Sl 23,6; 27,4; 128,5; 139,16). Por isso, é necessário “amar os dias” (Sl 34,13) sem exceção, “todos os nossos dias” (Sl 90,9.14). Haja vista que cada “dia” é fruto do “cuidado” e do “preparo” do “Senhor” para nós (Sl 118,24).

De igual modo, existem as expressões que demarcam o dia em seu caráter negativo: “o dia do infortúnio” (Sl 18,19), “o dia da aflição” (Sl 20,3; 50,15; 77,3; 86,7; 102,3), “o dia do grito” (Sl 88,2), “o dia do aperto” (Sl 59,17), “o dia da peleja” (Sl 78,9), “o dia do mal” (Sl 41,2; 94,13), “o dia do mal-estar” (Sl 27,5), “o dia de andar cabisbaixo” (Sl 38,7) e “o dia do armamento” (Sl 140,8). Tocando a dimensão plural deles, tem-se: “os dias curtos” (Sl 89,46; 102,24), “os dias de palmos” (Sl 39,6), “os dias dos sangrentos e embusteiros” (Sl 55,24), bem como “os dias de fome” (Sl 37,19), “os dias da maldade” (Sl 49,6), “os dias de outrora” (Sl 77,6; 143,5), “os dias de opressão” (Sl 90,15) e “os dias de um mortal” (Sl 103,15).

Enfim, existem também “os dias dos céus” (Sl 89,30), e os “filhos de Edom” (v. 7b) precisam serem “relembrados pelo SENHOR” (v. 7a) “naquele dia” (Sl 146,4) sobre “o dia de Jerusalém” (v. 7c). Neste único e glorioso dia, sem dúvidas, a “Cidade de Davi” (2Sm 5,7) deverá ser vingada. Ao cantar: “Relembra, ó SENHOR” (v. 7a), o poeta deixa transparecer seu amor “visceral por Sião<sup>11</sup>”, e traz à memória do leitor atento o que se canta em (Sl 79,10S): o que vão dizer as nações? “Onde está o Deus deles”? Por isso, faz-se necessário “vingança pelo sangue derramado de teus servos”<sup>12</sup>. De um lado Jerusalém jamais poderá ser esquecida (v. 5a), pois a consequência para este ato seria trágica: “paralisia da mão direita” (v. 5b). E, de outro, “prisão da língua ao céu da boca” (v. 6a). Quer dizer: se com a língua atrofiada, o poeta perde a capacidade de declamar a Torá, comprometendo a “emissão de sons fonéticos”, com “a mão” em estado de “paralisia”, perde a capacidade de “tocar o instrumento de corda”<sup>13</sup>. Fato é que “o dia de Jerusalém” (v. 7c) vai chegar, por ora, encontra-se semelhante a uma donzela sem marido. A idolatria (Jr 10,1.17S; Ez 14,1S) o expulsou de casa, e Sião tornou-se vulnerável, deixando sua porta aberta para os babilônios. A Cidade de Davi está à deriva! Mas até quando?

Com a expressão “de Jerusalém (ירושלם)” em v. 7c, descrita por dezessete vezes no livro de Salmos, é muito provável que o leitor descubra o destino dessa cidade. Nos inícios, o livro de Salmos acredita que: “as nações reduziram Jerusalém a ruínas” (Sl 79,1) ao “derramar sangue em seus arredores” (Sl 79,3); porém, o “Senhor”, Deus de Israel, quis “construir para si essa Cidade” (Sl 122,3; 147,2). E, neste sentido, “fará o bem a Sião” (Sl 51,20). Tornando “Jerusalém” como: lugar de “portões” (Sl 122,2) e de “louvor” (Sl 102,22), no sentido de ser “átrio da casa dele” (Sl 116,19), de “paz” (Sl 122,6), de “montes” (Sl 125,2), de “bem-estar” (Sl 128,5), de “morada” (Sl 135,21), haja vista que nela habita o Senhor. E, portanto, compete a Jerusalém, na pessoa dos seus filhos tementes, “enaltecer ao SENHOR e louvar o Deus dela em Sião” (Sl 147,12).

Percebe-se, mais uma vez, que o cântico constitui um instrumental poderoso em toda e qualquer empreitada de libertação. Certamente, o Senhor, Deus de Israel, fará justiça sobre os povos e/ou nações que tramaram contra Jerusalém (Jr 49,1.7.23.28; 50,1). Mas compete aos filhos de Sião, localizados no monte mais alto entre todos os montes, honrar aquilo que outrora fora adquirido por Davi (2Sm 24,24-25). Muito provavelmente,

<sup>11</sup> RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione vol III*. EDB Edizioni Dehoniane Bologna. p. 769.

<sup>12</sup> De acordo com (Nm 35,19), o Senhor, Deus de Israel é o “vingador de sangue, ele próprio matará o homicida; quando topar com ele, o matará”. A Bíblia de Jerusalém descreve de modo semelhante este esquema. Cf.: *Bíblia de Jerusalém*. Tradução, introduções e notas por um grupo de exegetas. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>13</sup> Cf.: RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione vol III*. EDB Edizioni Dehoniane Bologna. p. 770.

a “virgem filha de Sião” (Is 37,22) tenha sido asfixiada pela “filha da Babilônia”<sup>14</sup> (v. 8a). Afinal de contas, à época, Jerusalém detinha somente os instrumentos da poética e do cântico, a fim de manifestar seu sentimento de injustiça. Em contrapartida, a Babilônia, na condição de detentora do poder colonial e regional, possuía armas. Ficando, portanto, a capital babilônica detentora de armas e a Cidade de Davi possuidora de harpas.

## Considerações finais

Sl 137 constitui, dentre os cento e cinquenta Salmos, um singular patrimônio lírico locado dentro da biblioteca nacional do Antigo Israel. De um lado, seus paralelismos constituem colunas robustas e se propõem a ensinar os ouvintes/leitores. No v. 1c, é fortemente descrito acerca da “lembança; em contrapartida, no v. 5a canta-se sobre o “esquecer”. Além disso, os “rios da Babilônia” em v. 1a abrem um vasto horizonte literário, permitindo ao leitor acomodar as lágrimas de quem sofre distante de casa, conforme nos apresenta o v. 1b. Leva-se à compreensão de que, tanto na primeira escravidão (Ex 3,7-10), quanto na segunda, cujo horizonte cantado é descrito em Sl 137, as águas são a imagem paradigmática destes enredos. Às águas, em princípio, perseguem o povo de Deus e isso, desde os inícios, conforme Gênesis (Gn 1,6,9; 2,10). De um lado, as águas<sup>15</sup> contêm em si, a essência da vida, de outro, podem ser instrumento de morte (Ex 14,28).

Também é fato que mesmo estando longe de casa, e tomados por uma postura de luto (v. 1b), o poeta imagina, inicialmente, a Babilônia (v. 1a), isto é, sabe acerca do sofrimento coletivo vivido, alimenta a esperança dos tempos bons (v. 1c), mas não nega a realidade dolorida, pela qual, passam. Tocam-na, ao cantar, no sentido de descrever o nome da cidade inimiga de sua terra mãe “Babilônia” (v. 1a). Mesmo estando aí, projeta-se para voltar de onde provieram, a saber: para “Jerusalém” (v. 5a), lugar que jamais poderá ser esquecido (v. 5a).

Sabe-se que para a libertação acontecer cantar é preciso, entretanto, deve-se manter respeito acerca do tipo de melodia a ser cantada. Há fases na vida de um ser humano e/ou de um povo que, a depender do sofrimento pelo qual se passa, a única melodia disponível na partitura antropológica do ser é a fúnebre. Noutras situações, porém, o cântico recobrará seu ânimo e possuirá dimensões festivas e de louvor (Sl 150,1s). Enfim, imagina-se que, de quando em quando, a melodia da letra cantada pode e deve mudar, mas duvida-se seriamente, se o Senhor, Deus de Israel, permitirá que os filhos dele “pendurem suas harpas” (v. 2b), calando a poesia e tornando o mundo uma partitura técnica, vazia e fria.

## Referências Bibliográficas

A Bíblia Sagrada. Edição atualizada. São Paulo: Paulinas, 2024

Bíblia de Jerusalém. Tradução, introduções e notas por um grupo de exegetas. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CARREIRA, José Nunes. O Salmo 137 e a estrutura literária de "Sôbolos rios". *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. v. 11, n. 2, 1981. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14671>. Acesso em: 04 mar. 2024.

<sup>14</sup> De igual modo pensa Ravasi em sua obra: RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione vol III*. EDB Edizioni Dehoniane Bologna. p. 767.

<sup>15</sup> GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, p. 750-763, 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2247>. Acesso em: 04 maio 2024.

GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, 2020. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2247>. Acesso em: 04 maio 2024.

GRENZER, Matthias. *O imigrante: aspectos da experiência bíblica da migração*. São Paulo: Paulinas, 2019. 160 p. ISBN 9788535644979.

RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione vol III*. Bologna: EDB Edizioni Dehoniane, 2015.

SÁ, Danielle Mendonça de; GUSSO, Antônio Renato. Uma análise do salmo 137 e suas implicações soteriológicas: A importância do arrependimento e do perdão para a salvação. *Via Teol.*, Curitiba, v. 24, n. 47, p. 202, jun., 2023. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/344/445>. Acesso em: 03 maio 2024.

STEINMEYER, Nathan. Where Are the Hanging Gardens of Babylon? Uncovering a lost wonder of the world. June 20, 2023. Disponível em: <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/ancient-cultures/ancient-near-eastern-world/hanging-gardens/>. Acesso em: 04 maio 2024.

RECEBIDO: 08/05/2024  
APROVADO: 05/09/2024

RECEIVED: 05/08/2024  
APPROVED: 09/05/2024